

IV CONGRESSO IBERO-AMERICANO DE HUMANIDADES, CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO:

Desafios Contemporâneos das
Sociedades Ibero-Americanas

De 23 a 27 de agosto de 2021

EVENTO ONLINE

ANAIIS DO EVENTO

Realização



PROACAD
Pró-Reitoria
Acadêmica

Apoiadores



Comissão Organizadora

Profª Dra. Giani Rabelo	Presidenta da Comissão Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC
Prof. Dr. Ismael Gonçalves Alves	Vice-presidente da Comissão Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC
Prof. Me. Marcelo Feldhaus	Diretor de Ensino de Graduação Representante da Pró-Reitoria Acadêmica Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC
Profª. Dra. Birgit Harter-Marques	Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais - PPGCA Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC
Prof. Dr. Carlos Renato Carola	Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGE Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC
Profª. Dra. Aurélia Regina de Souza Honorato	Coordenadora do Curso de Artes Visuais Representante dos cursos de Licenciatura Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC
Prof. Me. Bruno Dandolini Colombo	Curso de Educação Física Representante dos cursos de Licenciatura Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC
Profª. Dra. Cibele Beirith Figueiredo Freitas	Coordenadora Adjunta do curso de Letras Representante dos cursos de Licenciatura Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC
Prof. Dr. Jeferson Luis Azeredo	Comissão de Divulgação Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC
Lucene Cândido Magnus	Representante discente do curso de Pós-Graduação em Desenvolvimento Socioeconômico Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC
Vanessa Marcos Medeiros	Representante do Conselho Editorial Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC
Rafaela Ribeiro Pereira	Representante da Diretoria de Ensino de Graduação Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC

Comissão Científica

Profª Dra. Giani Rabelo	Presidenta da Comissão Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC
Prof. Dr. Ismael Gonçalves Alves	Vice-presidente da Comissão Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC
Profª. Dra. Birgit Harter-Marques	Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais - PPGCA Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC
Profª. Dra. Graziela Fátima Giacomazzo	Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGE Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC
Prof. Dr. Antonio Fernando Silveira Guerra	Universidade do Vale do Itajaí - UNIVALI
Profª. Dra. Maria Teresa Santos Cunha	Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC
Prof. Dr. José Antonio Mateo	Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas (CONICET) Universidad Nacional de Entre Ríos - UNER (Argentina)
Profª. Dra. Ana Paula Vosne Martins	Universidade Federal do Paraná (UFPR)
Profª. Dra. Silvia Maria de Favero Arend	Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC)
Profª. Dra. Amalia Morales Villena	Universidad de Granada - Espanha
Profª. Dra. Maria Stephanou	Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
Profª. Dra. Denise Balarine Cavalheiro Leite	Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
Profª. Dra. Ana Sabrina Mora	Universidad Nacional La Plata - UNLP (CONICET) - Argentina
Profa. Dra. Patrícia Ferraz de Matos	Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Miguel Anxo Santos Rego	Universidade de Santiago de Compostela - Espanha
Prof. Dr. Agustín Escolano Benito	Centro Internacional de la Cultura Escolar (CEINCE) - Espanha
Prof. Dr. Alex Sander da Silva	Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGE Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC
Prof. Dr. Christian Muleka Mwewa	Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS
Prof. Dr. António Gomes Ferreira	Universidade de Coimbra - Portugal
Profª Dra. Patricia Paola Ames Ramello	Pontificia Universidad Católica del Perú - Peru
Profª Dra. Maria Luiza Rico Gómez	Instituto Universitário de Estudos Sociais da América Latina Universidade de Alicante - Espanha
Profª Dra. Maria João Mogarro	Instituto de Educação Universidade de Lisboa - Portugal

Grupos de Trabalho

Giani Rabelo e Ismael Gonçalves Alves

Finanças

Amalhene Baesso Reddig, Aurélia Regina de Souza Honorato e Maxuel Sander Flor

Cultura

Birgit Harter Marques e Matheus Zimmermann

Monitoria

Caroline Bortot, Jeferson Luis de Azeredo e Lucas Damásio

Comunicação e Divulgação

Lucene Cândido Magnus e Rafaela Ribeiro Pereira

Secretaria Geral

Leila Laís Gonçalves, Paulo Martins e Wender Firmino

Tecnologia

Carlos Renato Carola e Cibele Beirith Figueiredo Freitas

Apresentações de Pôsteres

Secretaria

Rafaela Ribeiro Pereira

Secretária da Diretoria de Ensino de Graduação
Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC

Diagramação

Victor Burato

Designer

Realização



PROACAD
Pró-Reitoria
Acadêmica

Apoiadores



GT15

**Decolonialidade e saberes
outros na perspectiva
interseccional entre gênero,
raça, classe e sexualidade**

SUMÁRIO

CLIQUE E SEJA DIRECIONADA/O PARA O TRABALHO

- 8 DIREITOS HUMANOS DAS MULHERES: A PARTICIPAÇÃO FEMININA NO MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA**
Carolina Rovaris Pezente
- 17 JUVENTUDES E RACISMO: REFLEXÕES SOBRE A JUVENTUDE NEGRA NO BRASIL E DESIGUALDADES.**
Adeline Araújo Carneiro Farias
Jocelaine Oliveira dos Santos
- 26 MUTILAÇÃO GENITAL FEMININA COMO CULTURA PATRIARCAL QUE DEMONSTRA AS RELAÇÕES DE GÊNERO ENTRE HOMENS E MULHERES: UMA LEITURA A PARTIR DOS DIREITOS HUMANOS NA PERSPECTIVA INTERCULTURAL**
Jóicy Rodrigues Teixeira Hundertmark
- 34 NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS DA LÍDER COMUNITÁRIA E POLÍTICA JUREMA BATISTA: INTERSECCIONALIDADE DE GÊNERO E RAÇA E PEDAGOGIAS CULTURAIS**
Denise Bock de Andrade
Maria Angélica Zubarán
- 46 O SAMBA RURAL PAULISTA NA PERSPECTIVA DECOLONIAL**
Daniel Martins Barros Benedito
Norma Silvia Trindade de Lima



O SAMBA RURAL PAULISTA NA PERSPECTIVA DECOLONIAL

Daniel Martins Barros Benedito¹
Norma Silvia Trindade de Lima²

Resumo: Esse texto apresenta a reflexão a partir da dissertação de mestrado de Daniel Martins Barros Benedito. Partindo das leituras de autores decoloniais, compreendendo uma prática cultural que o pesquisador participa que é o Samba de Bumbo ou Samba Rural Paulista, como sendo de tradição afrobrasileira remonta o período colonial momento em que ocorre a dominação denunciada pelos autores dos países que foram colônias ou seja, uma dominação simbólica, cultural, epistemológica, econômica e política. Buscando refletir sobre a prática de uma tradição de origem africana no Brasil, como o Samba de Bumbo, um saber e uma prática afrobrasileira, resistiu à toda complexidade em situações de vulnerabilidade simbólica, material, social e outras na cidade de Santana de Parnaíba – SP.

Palavras-chave: Decolonial. Prática cultural. Samba de Bumbo. Epistemologia

SAMBA PAULISTA RURAL FROM THE DECOLONIAL PERSPECTIVE

Astract: This text presents the reflection from the theoretical-methodological framework of the masters of Daniel Martins Barros Benedito. From the readings of decolonial authors, which includes a cultural practice in which the researcher participates, which is the Samba de Bumbo or Samba Rural Paulista, of Afro-Brazilian tradition, it goes back to the colonial period when the domination denounced by the authors of the countries that were colonies occurs, that is, a symbolic, cultural, epistemological, economic and political domination. Seeking to reflect on the practice of an African tradition in Brazil, such as Samba de Bumbo, an Afro-Brazilian knowledge and practice, it resisted all complexity in situations of symbolic, material, social and other vulnerability in the city of Santana de Parnaíba – SP.

Keywords: Decolonial. Cultural Practice. Bumbo Samba. Epistemology

O envolvimento com o tema aconteceu quando Daniel Martins Barros Benedito era aluno de um projeto social de uma fundação – Fundação Esportiva e Educacional Pró-criança e Adolescente (EPROCAD). Na EPROCAD haviam atividades no contra turno escolar com oficinas para crianças e adolescentes promovidas por professores de Educação Física e Arte Educadores. No projeto Jovem

¹ Mestre em Educação (UNICAMP), Pesquisador do Grupo Educação, Linguagem e Práticas Culturais (GPHALA/PPGE-UNICAMP), UNICAMP, Campinas-SP, Brasil.

² Doutora em Educação (UNICAMP). Faculdade de Educação, Departamento de Ensino e Práticas Culturais (DEPRAC), UNICAMP, Campinas-SP, Brasil.



Ser da Fundação EPROCAD, as atividades eram oficinas sobre o meio ambiente, informática e práticas esportivas, foi introduzido a oficina de Samba de Bumbo, em meados de 2003. O envolvimento foi tamanho que em dois anos Daniel tornou-se educador da própria fundação.

Àquelas oficinas ministradas na fundação EPROCAD consistiam em aprender a tocar o Samba de Bumbo, dançar, cantar e em determinado momento conhecer os sambadores mais velhos, suas memórias, suas histórias e a história daquela prática cultural. Por meio da imagem abaixo que foi uma questão disparadora de questionamentos para a pesquisa do mestrado, aludimos, por analogia, aos estudos de Boaventura de Sousa Santos.

Figura 1. Avenida Tiradentes, São Paulo – SP fotografia tirada na região do Museu de Arte Sacra.



Fonte: Karina Morais. 03/2017.

No senso comum há uma história do samba de bumbo em Santana de Parnaíba-SP e que é divulgada mas que contém muitos desencontros típicos desse tipo de registro da memória. Isso motivou a tentar compreender

Quem na imagem em relação ao samba de bumbo em Santana de Parnaíba-SP seria a camada de asfalto? Os brancos e a branquitude? Seria o asfalto apenas o que os visitantes de carnaval percebem, uma camada aparente que esconde outras histórias e personagens? O que seriam



os paralelepípedos? A origem do samba? O que se conhece da negritude do samba? E o que seria antes do paralelepípedo? Podemos saber alguma coisa sobre a metáfora da terra? No 20 asfalto, a metáfora seria de uma camada homogeneizante, se pensarmos em uma epistemologia monocultural baseada nos pressupostos da tradição ocidental. É a padronização de vários elementos culturais e a criação de uma coletividade imaginada: os fluminenses, os mineiros, os paulistas e os brasileiros. Encobrendo o movimento de luta da comunidade negra do Samba de Bumbo do Cururuquara para organizar a festa com a nova comunidade, com os párocos que são designados para aquela comunidade, um campo de batalha. (BENEDITO, 2020, p. 20)

Mais do que definir o que é o Samba de Bumbo podemos apontar elementos parecidos que são de conhecimento de boa parte dos brasileiros das tradições populares e tradicionais como os grupos de Maracatu, ou de Jongo, ou do Congado, do frevo, etc. O Samba de Bumbo é uma prática cultural comum em São Paulo do início do século XX e que com o passar do tempo e por razões que esta pesquisa se debruçou na cidade de Santana de Parnaíba, mas que em outras cidades paulistas deixou ou não de ser prática, ou está adormecida como diriam os seus praticantes:

O Samba de Bumbo, hoje, é praticado nos municípios de Santana de Parnaíba (grupos Cururuquara e Grito da Noite), Vinhedo (Samba de Da. Aurora), Mauá (Samba Lenço), Quadra (Samba Caipira) e Pirapora do Bom Jesus (Samba de Roda). Sua área de ocorrência, no entanto, estendeu-se, no passado, a muitas outras localidades, como Rio Claro, Campinas, Piracicaba, São Simão e Itapira – na região conhecida antigamente como oeste -, chegando a Itapeva e Guaxupé – Estado de Minas Gerais; Itu, São Roque, Sorocaba, Araçoiaba da Serra, Botucatu, Laranjal Paulista e Tietê, no eixo médio do rio homônimo, na antiga área de projeção bandeirante em direção aos sertões de Mato Grosso; e, também, Redenção da Serra, Jacaré e Caçapava – no Vale do Paraíba, dentre outras. A abolição da escravidão, combinada com a pujança da cidade de São Paulo decorrente de sua centralidade na formação da economia cafeeira fez com que muitos negros migrassem das áreas de plantio para a capital, trazendo na bagagem a esperança de uma oportunidade de vida melhor e o Samba que praticavam no interior. (MANZATTI, 2005, p. 32)

A força motriz no Brasil durante o período colonial foram africanos de diversas etnias. Para o sudeste brasileiro, sobretudo das regiões Centro Africanas: Congo e Angola e com o território Moçambicano formavam um compreensível tronco linguístico dos Bantos. A cidade conta com alguns grupos de Samba de Bumbo que normalmente se apresentam no carnaval, no entanto os mais antigos são dois grupos de Samba de Bumbo, mais tradicionais: Grupo Grito da Noite e o Grupo 13 de Maio do Bairro do Cururuquara. Como o Samba do Grito da Noite acontece durante o carnaval, além de não sofrer preconceito ou resistência, é o mais divulgado para o turista de carnaval.

No Samba de Bumbo do Grito da Noite prevalece a classe média branca, tocando e cantando, sem muitas, pra não dizer nenhuma, informação sobre sua história e as pessoas que vieram antes. Propagando uma memória e uma história de invisibilidade a trajetória afrobrasileira da manifestação,



pela força estética da festa carnavalesca juntaram muitas informações sobre o que é o Samba de Bumbo, porquê é feito, para que e em que.

Descolonizando ideias

As inquietações sobre as origens do Samba de Bumbo no centro da cidade e no bairro do Cururuquara fizeram olhar mais detidamente as fontes históricas e as outras possibilidades de fontes como a história oral. Some-se a isso as imprescindíveis leituras do Programa de Pós Graduação em Educação da Unicamp:

Quadro 1. Quadro teórico-metodológico da pesquisa

Temas	Contribuições	Referências
Linhas Abissais, Epistemologias do sul, Produção de Ausências, Ecologia dos saberes,	O samba visível e sua raiz invisível. Resistência negra. Saberes outros. Dar ouvidos	Boaventura de Souza Santos
Colonialidade	Regime escravocrata (Ser, Saber e poder)	Quijano, Mignolo, Grosfoguel, Torres
Matriz Colonial de Poder	Coerção econômica e extra econômica	Quijano, Mignolo, Grosfoguel, Torres
Diáspora	Pureza no samba? Tradicional	Hall
Educação Decolonial	LDB (10.639) e a educação	Walsh



		patrimonial	
Eurocentrismo e Modernidade	e	Aspectos da formação da sociedade brasileira	Dussel
Literatura Oral/ Oratura		Sociedades de tradição e escrituraria	Schiffler, José, Hampâté-Bâ, Vansina, Ortega, Ginja.

FONTE: BENEDITO, 2020, p. 87

A reflexão inicial que provocou a mobilização teórica-metológica da pesquisa se deu na leitura de *O local da cultura*, de Homi Bhabha, junto com a discussão dos conceitos mobilizados pelo professor Boaventura de Souza Santos, possibilitou uma interpretação crítica da legitimação epistemológica ocidental em detrimento a apagamentos e silenciamentos e da discussão da “egopolítica do conhecimento” (MIGNOLO, 2017, p. 4).

Observamos as práticas culturais de matriz africana, não sendo compreendida pelo pensamento ocidental, o que está acontecendo, por exemplo, com a capoeira atualmente ao torná-la um produto esportivo exclusivamente ou em colégios particulares anulam questões importantes tais como: por quem e para que era praticada historicamente. No caso do Samba de Bumbo a compreensão de uma divisão que não acontece nas tradições africanas da separação entre os momentos, na expressão entre o sagrado e o profano. Esta separação está no pensamento ocidental e a indivisibilidade das práticas sociais e rituais. No Samba do Grito da Noite houve essa “laicização da tradição” (BENEDITO, 2020, p. 113). No Samba de Bumbo há marcas nítidas de sua origem.

O Samba de Bumbo, o Jongo/Caxambu e o Batuque de Umbigada/ Tambu usam muito a tradição da música, do ritmo e da poesia para conversar, sustentando um diálogo por meio da música de improviso. Assim, percebemos o valor da memória nessa antiga tradição presente nas culturas africanas. Sua transmissão pela oralidade faz da palavra uma espécie de "veículo de cultura" (BENEDITO, 2020, p. 27)

Na Obra História Geral da África, Hampate-Bá (2010) e Vanzina (2010) chamam atenção para o fato da importância do registro oral, que na pesquisa ocidental o testemunho oral dispõe de metodologia própria para configurar no campo do documento histórico. O Samba de Bumbo tem



coreografia, tem o ritmo e tem a letra do improviso que compõe a performance da oratura, ou literatura oral.

As letras dos sambas versam sobre diversos assuntos. Alguns textos ficam tão bem empregados que se eternizam, mas tiveram contextos específicos para serem cantados. Cada grupo de Samba de Bumbo traz em suas letras aspectos do cotidiano. No Samba do Cururuquara, sendo uma comunidade rural, aparecem os temas relacionados à natureza ou questões ligadas à agricultura, No Samba de Roda de Pirapora, os textos já são mais de cunho sexual, de envolvimento de polícia e de situações de desafio entre os grupos que compunham a festividade lá. No Samba do Grito da Noite, as letras trazem muita referência à cachaça. Somente serão publicados os trabalhos realmente apresentados pelas/os autoras/es nos Grupos de Trabalho e submetidos no formulário próprio para os textos completos. (BENEDITO, 2020, p. 28).

Essa métrica e rima presentes no Samba de Bumbo é também apresentada em alguns trabalhos de pesquisadores africanos como *Ginja* em Moçambique ou *Nsimba José* em Angola ao relatarem práticas cotidianas culturais de seus lugares. Para além dessas raízes havia a necessidade de cantar e nesse canto disfarçar algum assunto que as pessoas responsáveis por vigiar os escravizados não pudessem compreender.

Entre os espaços em que os praticantes desta tradição afrobrasileira do Samba de Bumbo sofreram justamente por conta da colonialidade do poder, do saber e do ser destacamos a cidade de Itu-SP, local onde o professor Octavio Ianni observou alguns momentos de interrupção da tradição pela participação de pessoas brancas na prática negra e por uma série de perseguições.

Nos folhetos turísticos de Santana de Parnaíba-SP sobre o carnaval sempre havia uma história do Samba de Bumbo praticado no carnaval, contendo uma história, fotografias e letras das músicas. A perspectiva decolonial possibilitou pensar criticamente o que está visível e o que está invisível nessa trajetória.

Por que nunca saberemos com detalhes o passado de práticas culturais afrodiaspóricas? silenciamentos e apagamentos deliberadamente realizados durante a colonização e o pacto colonial ajudam a compreender a dominação denunciada pelos autores decoloniais. A própria palavra Samba que hoje se refere a uma prática cultural era nome próprio. A colonização era tamanha que até os nomes tinham que ser alterados para um nome de batismo.

Com o Samba de Bumbo do bairro do Cururuquara (Santana de Parnaíba-SP) que era uma grande área de concentração de propriedades escravistas transformou-se com Lei Áurea em um bairro rural formado por ex-escravizados. Da árvore genealógica cuja descendência chega até nossos dias, conseguimos chegar somente até a segunda metade do século 19. Manoel e Rosa, escravizados de



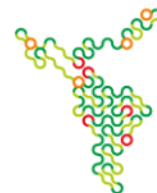
Manoel Bueno de Oliveira, eram pais de Leandro Manoel de Oliveira (Vô Leandro) que é o elo dos descendentes que ainda hoje fazem o Samba de Bumbo.

Memorialistas, historiadores e pesquisadores não dispunham de registros mais detalhados daqueles africanos desembarcados na costa brasileira. E as obras sobre a história brasileira pelo menos até a primeira metade do século XX concentrava-se em figuras dos colonizadores (Europeus e ou nascidos no Brasil). Se pensarmos também sobre o patrimônio cultural preservado pelo Estado (Federal, Estadual e Municipal) também nitidamente observamos uma hierarquia de inclusões e sobretudo das exclusões do que é ou não digno de preservação:

Inculcou-se ou produziu-se um “senso comum”, numa perspectiva elitista, eurocentrada e monocultural, certos pontos de vista do que seria legítimo e/ou com valor patrimonial, típicos do fenômeno de naturalização, como, por exemplo, as cidades tombadas e históricas: Minas Gerais, Paraíba, Bahia. Mas, seria possível qualquer cidade não ser histórica? O questionamento decolonial perguntaria: qual história? Quem conta? Como conta? Sobre o que e sobre quem?
(BENEDITO e LIMA, 2020 p.194)

O Samba Paulista foi registrado (equivalente ao tombamento) como Patrimônio do Estado de São Paulo em 2015 e a União pretende fazer o mesmo por meio do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN - entretanto cabe aqui salientar a crítica apontada por Benedito e Lima (2020):

Outro aspecto a destacar a respeito da proposta apresentada de elaboração do Dossiê é com relação aos procedimentos institucionais adotados, quais sejam: metodologia e equipe de pesquisa, constituída de: (1) Coordenador-geral; (1) Antropólogo/Etnomusicólogo; (1) Historiador; (2) Auxiliares de Pesquisa; (1) Fotógrafo; (1) Cinegrafista. A indicação de um etnomusicólogo pode ser questionada, ao considerarmos o Samba de Bumbo não apenas como música, mas como literatura oral (FINNERGAN, 2006). Sendo assim, tratar o samba de bumbo como música, remete a uma visão e política cultural colonial, calcada no que Quijano (2005) chama de colonialidade do poder e do saber, ao tomar como referência epistemes instituídas por uma exterioridade e lógica disciplinar, quando pensada pela categoria étnica. E, vale lembrar que o étnico é nomeado pelo hegemônico, “os de lá”, nas palavras de Santos (2010). Demonstra-se, nos respectivos procedimentos, certa cristalização colonial da prática dos processos de patrimonialização (tombamentos ou registro e salvaguarda). Uma forma de abordagem calcada em reforçar padrões criados pela dominação epistemológica eurocêntrica, naturalizada, desde o período civilizatório colonial. Tendo em vista que existem neste processo de patrimonialização itens em que o objeto que pode ser um patrimônio, deve obedecer, e que pode ser, por engano de percepção, que o registro ocorra de maneira não fidedigna, pois a fonte primordial do samba de bumbo é a palavra e a performance, e este aspecto constituinte do samba não está contemplado. A oralidade é fundamental em diversas práticas culturais afro-diaspóricas. E um princípio, proveniente dos grupos bantos, é que a palavra é a verdade, portanto, não se fala que



é tradicional, quando não há pertencimento. Isto posto, observamos que, dos grupos mapeados, apenas alguns daqueles, mantêm em seu percurso, as funções ritualísticas que reverenciam e atualizam a ancestralidade e a tradição oral, reconhecidos inclusive entre os próprios sambadores.
(BENEDITO e LIMA, 2020, p. 191)

Essas reflexões que surgiram com a participação do pesquisador Daniel, ainda adolescente em um projeto social que ministrava oficinas de Samba de Bumbo, desdobrou, anos mais tarde, na dissertação de Mestrado defendida em 2020 com o título: O samba de bumbo de Santana de Parnaíba-SP e a Educação na perspectiva decolonial. Algumas dessas questões são apontadas aqui neste texto. A discussão decolonial e pós-colonial ajuda nessa compreensão sobre o Samba de Bumbo, sua trajetória em uma cidade da Região Metropolitana de São Paulo. Nessa análise é sempre importante destacar as discussões sobre lugar de fala e direito e memória, na perspectiva não de um Brasil monocultural, mas de vários grupos formadores do Brasil, multicultural e na ideia, como apontou Benedito e Lima (2020 p.199), de uma sociedade “pluricultural e pluriversal”.

Referências

- ANDRADE, M. de. O samba rural paulista. **Revista do Arquivo Municipal**, São Paulo, ano IV. vol. XLI: Departamento de cultura, 1937
- BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.
- BENEDITO, Daniel Martins Barros. **O samba de bumbo de Santana de Parnaíba-SP e a educação na perspectiva decolonial**. 2020. 1 recurso online (171 p.) Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP.
- BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO TORRES, Nelson; GROSGOUEL, Ramón (org.). **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.
- BENEDITO, Daniel Martins Barros e LIMA, Norma Silvia Trindade de. (RE)EXISTÊNCIAS AFRODIASPÓRICAS: a herança cultural imaterial do samba de bumbo. In: Nima Imaculada Spigolon (organizadora). **Brasi(s) & África(s): educação plural, culturas de resistência e emancipações humanas**. Curitiba: CRV Editora, 2020. p. 187-200.
- BÂ, A. Hampâté. A Tradição Viva. In: KI-ZERBO, Joseph (ed.). **História geral da África I: Metodologia e pré-história da África**. 2 ed. rev. Brasília : UNESCO, 2010. p.167.
- BALLESTRIN, L. América Latina e o giro decolonial. **Rev. Bras. Ciênc. Polít.** [online]. 2013, n.11, p. 89-117.



FINNEGAN, Ruth. **Oral literature in Africa**. Oxford: Clarendon Press, 1970.

LARROSA, Jorge. **Tremores: escritos sobre experiência**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

LIMA, N. S. T.; MENDES, J. R. ; FERNANDES, R. S. . Capoeira e Educação: pelo movimento, pelas narrativas e pela experiência. **Revista de Educação, Ciência e Cultura**, v. 25, p. 319-334, 2020.

SANTOS, B. de S. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. In: SANTOS, Boaventura de Sousa (org.). **Conhecimento prudente para uma vida decente: 'um discurso sobre as ciências' revisitado**. São Paulo: Cortez, 2004. p. 777-821.

_____ Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: SANTOS, B. S.; MENEZES, M. (orgs.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010.

SANTOS, B. S.; MENEZES, M. (orgs.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010.

VANSINA, J. A tradição oral e sua metodologia. In: KI-ZERBO, J.(coord.) Metodologia e Pré-História da África, **História Geral da África**. Brasília: UNESCO, 2010.